

Joëlle Salomon Cavin

# A «cidade mal-amada»

A geógrafa suíça Joëlle Salomon Cavin, professora na Universidade de Lausanne, retoma neste artigo um tema que tem sido o seu objecto de investigação privilegiado: a hostilidade em relação à cidade, no contexto suíço, inscrita numa história e numa cultura, mas que a covid-19 fez emergir com maior força.

## A «CIDADE MAL-AMADA»

Joëlle Salomon Cavin

A covid-19 alterou o nosso quotidiano. Embora, inicialmente, tenhamos ficado estupefactos, fomo-nos habituando aos «gestos barreira», à «distância social», à sociabilidade e ao trabalho à distância; enquanto professores, aprendemos a dar aulas sem os nossos alunos, a desenvolver raciocínios à frente de um ecrã. Vários investigadores tiveram de renunciar ao trabalho de campo, mas muitos outros aproveitaram, igualmente, para questionar as suas teorias, os seus conceitos e as suas análises à luz deste acontecimento excepcional.

Este questionamento implicou, no meu caso, o que designei como «cidade mal-amada»<sup>1</sup> e, de um modo geral, a mobilização das categorias de cidade e de campo na análise socioespacial. Comecei por desenvolver o conceito de «cidade mal-amada» ao abordar a questão do imaginário anti-urbano na Suíça.

A minha primeira hipótese é a seguinte: a epidemia de SARS-CoV-2 corresponde, pela sua amplitude e duração, a um período de crise. Por conseguinte, este permitiu o ressurgimento de discursos anti-urbanos e pró-rurais.

Os períodos de crise económica ou política (como as guerras) são, de facto, particularmente favoráveis à emergência de discursos de hostilidade em relação às cidades. Os discursos anti-urbanos surgem sempre como um sintoma de ruptura, de disfunção na sociedade. De um ponto de vista histórico, estes discursos são concomitantes com a Revolução Industrial. A este contexto somam-se grandes momentos de ruptura de valores: as crises políticas, como a Revolução Francesa e as reacções nacionais contra o absolutismo monárquico ou urbano em toda a Europa; as crises económicas, como aquela que atingiu a agricultura no final do século XIX na Suíça, ou a que surge com o colapso do mercado financeiro em 1929; e, por fim, as duas Guerras Mundiais do século XX. Estes momentos de crise exacerbaram os discursos anti-urbanos, de certa forma ainda latentes.

Os valores associados à cidade, positivos ou negativos, são indissociáveis dos valores ligados ao campo, à ruralidade ou à Natureza. As categorias de cidade e de campo formam, na realidade, uma dupla inseparável e trágica, visto que a ideia de cidade existe, invariavelmente, na relação com a sua ideia simétrica, a de campo. Ao contrário da grande cidade, a Natureza e o campo representam a permanência e a estabilidade reconfortante dos antepassados. A aldeia simboliza a comunidade intemporal e perene, uma referência sólida e imutável. Perante as transformações que ocorrem na cidade, o campo e a Natureza aparecem como refúgios. Os períodos de crise reactivam os valores associados à Natureza e ao campo, assim como ao camponês e à terra, que representam a relação natural com os elementos e a vida comunitária da aldeia; referências sólidas e imutáveis que reconfortam em tempos difíceis.

Eis a minha segunda hipótese: as categorias de cidade e de campo constituem um quadro de análise que é sempre eficaz e pertinente para perceber a territorialidade contemporânea. Apesar das transformações materiais da cidade e do campo, do espaço urbano que prevalece sobre a cidade, estas categorias mantêm a sua pertinência na análise dos fenómenos sociais e espaciais,

em virtude da sua permanência no imaginário colectivo. No entanto, nos estudos urbanos actuais, uma corrente dominante incita ao abandono destas categorias, inspirada pelo célebre artigo de Françoise Choay, historiadora do urbanismo: «A morte da cidade, o reino do urbano.»<sup>2</sup>

Mesmo que as transformações espaciais e sociais tenham alterado os critérios de urbanidade, de ruralidade e suas relações, o debate público continua a mobilizar estas categorias. No que se refere à Suíça, basta olhar para o mapa da repartição das votações relativas às questões do território, ou do ambiente, para comprová-lo. Os resultados das votações relativas à prática da caça, em Setembro de 2020, desenharam um mapa claramente contrastante entre uma Suíça urbana, hostil a esta actividade, e uma Suíça rural, favorável a ela.

A minha intenção é questionar as categorias de cidade e de campo e da «cidade mal-amada» à luz da covid-19. Que relação existe entre esta pandemia e a «cidade mal-amada»? De que modo é que esta relação estimulou ou reformulou a oposição entre cidade e campo?

AS CATEGORIAS REMANESCENTES DA «CIDADE MAL-AMADA»  
EM TEMPOS DE COVID

Existem três categorias de ideias associadas à «cidade mal-amada» que marcam particularmente este período, e que correspondem, cada uma delas, a categorias de um campo «aprazível». Estas não constituem novidade, são formas reinventadas e remanescentes de categorias históricas e, muitas vezes, transnacionais da oposição cidade–campo.

Eis, então, as categorias de ideias associadas à «cidade mal-amada» e ao «campo aprazível» em tempos de covid:

A CIDADE MAL-AMADA	O CAMPO APRAZÍVEL
AGLOMERAÇÃO / SOBRELOTAÇÃO	ESPAÇO / DIMENSÃO IDEAL
INSALUBRIDADE / CIDADE NOCIVA	VIDA SAUDÁVEL PRÓXIMA DA NATUREZA
VULNERABILIDADE / DEPENDÊNCIA	FERTILIDADE / AUTOSSUFICIÊNCIA

**"Os discursos anti-urbanos surgem sempre como um sintoma de ruptura, de disfunção na sociedade. De um ponto de vista histórico, estes discursos são concomitantes com a Revolução Industrial."**

2. Françoise Choay, «Le règne de l'urbain et la mort de la ville», *La ville, art et architecture en Europe, 1870-1993*, Paris: Centro Georges Pompidou, 1994, pp. 26-35.

1. Joëlle Salomon Cavin, *La Ville mal-aimée: Représentations anti-urbaines et aménagement du territoire en Suisse: analyse, comparaisons, évolution*, Lausanne: PPUR, 2005; e «Espace en société», *Antiurbain: origines et conséquences de l'urbaphobie*, B. Marchand (ed.), Lausanne: EPFL Press, 2010, pp. 13-24.



### *A aglomeração / o excesso*

A cidade e, sobretudo, a grande cidade foram particularmente fustigadas durante o período da covid-19 enquanto contributo para o mal-estar dos seus habitantes. Os cidadãos vivem mal porque vivem amontoados. As populações urbanas viram-se confinadas, de um dia para o outro, às suas habitações. A coabitação, no seio da família, acabou por assumir contornos muito delicados. A falta de espaço não esteve apenas ligada às habitações em si, mas também à ausência de espaços abertos e ao acesso a locais públicos exteriores. A cidade transformou-se, assim, numa espécie de armadilha, na qual os seus habitantes ficaram presos.

Em oposição, o campo revelou-se um lugar muito mais propício ao confinamento, dado que os seus habitantes poderiam beneficiar de um maior número de espaços interiores e exteriores.

A questão da aglomeração provocada pelas cidades não é nova. As cidades-jardim, imaginadas por Ebenezer Howard no fim do século XIX, pretendiam combater, em particular, a aglomeração e a promiscuidade nas cidades operárias, resultantes da Revolução Industrial, como Londres ou Manchester. Essas cidades deveriam permitir a existência de espaços suficientes para cada indivíduo e o acesso de todos a espaços verdes. A cidade-jardim ideal não deveria ultrapassar os 200 mil habitantes. O espectro da aglomeração urbana está, com efeito, intimamente ligado à questão da dimensão ideal da cidade.

Na Suíça, a ideia do aglomerado urbano foi desenvolvida, em particular, por Armin Meili, um dos pais fundadores do ordenamento do território helvético, que propôs, nos anos 40, uma visão global para o país. Um dos objetivos que fixou foi o de combater, com todos os meios, a invasão do campo pela grande cidade. A aglomeração populacional numa mesma área iria provocar um mal-estar na população suíça, como mostram os exemplos da região do Ruhr ou de Londres, cujas ruas sujas e sobrelotadas foram imortalizadas nas gravuras de Dürer. Em contraste, a uma escala reduzida, como a da aldeia ou a da pequena cidade, garantiria um desenvolvimento harmonioso.

Por último, é interessante notar que a covid-19 trouxe novamente para o debate, inclusive em termos académicos, esta mesma problemática da sobrelotação. Thierry Paquot refere a «enormidade» das cidades,<sup>3</sup> já Guillaume Faburel propõe simplesmente «acabar com a grande cidade» e essas «metrópoles bárbaras»<sup>4</sup>. Contudo, é importante realçar que, para estes autores, não é tanto o campo que é reconsiderado, mas a pequena cidade. Thierry Paquot apela, deste modo, a uma diminuição do crescimento, numa abordagem mais qualitativa, da cidade.

### *A cidade insalubre*

A cidade foi apontada como um foco particularmente eficaz de disseminação do vírus, com uma população que coabita em grande proximidade e contacto físico. Esta massa urbana constituiu um vector perfeito de propagação do vírus, um terreno fértil ideal.

No campo, pelo contrário, a limitação do contacto entre pessoas e a protecção conferida pelo isolamento pareceram, *a priori*, muito mais fáceis de assegurar.

Esta ideia de cidade enquanto foco de contaminação tem precedentes históricos conhecidos. Vários autores referiram a peste negra ou a cólera e o facto de as concentrações urbanas se terem constituído, ao longo da História, centros de contaminação.

A cidade insalubre é uma ideia remanescente da fobia da cidade. Rousseau, originário de Genebra, fustigava, já em finais do século XVIII, o carácter nocivo das grandes cidades — a começar por Paris —, focos das grandes epidemias, em oposição à vida saudável dos camponeses, na Natureza.

A relação entre densidade, dimensão das cidades e mortalidade foi analisada por geógrafos durante a covid-19. Jacques Lévy defendeu a ideia de que as cidades não estavam mais contaminadas do que o campo, pondo a hipótese de que o estilo de vida urbano favorecia uma «imunidade particular»; já Jean-Pierre Orfeuil defendeu que as zonas metropolitanas mais densas estavam, na maioria dos países e em média, mais contaminadas do que as zonas rurais, e desafiou os especialistas das questões urbanas a não negarem este facto. Um debate curioso que, uma vez mais, põe em evidência a oposição entre a cidade e o campo.<sup>5</sup>

### *A cidade estéril / a vulnerabilidade*

No início do confinamento, a corrida às lojas para adquirir bens de primeira necessidade impressionou-nos a todos. As cidades revelaram-se lugares vulneráveis pela sua dependência de géneros alimentícios, que estas não produzem.

Surgiram indicadores que determinavam, recorrentemente, quantos dias uma cidade podia manter o fornecimento de alimentos sem ser aprovisionada.<sup>6</sup> Dado que os alimentos são produzidos no campo, o risco de escassez foi, sobretudo, associado às zonas urbanas, apesar do aprovisionamento ser feito do mesmo modo nos supermercados urbanos ou nos rurais.

Na Suíça, esta ideia da cidade hostil, em oposição ao campo fértil, refere-se directamente ao período da Segunda Guerra Mundial e à crise alimentar tão temida na época. O Plano Wahlen, também designado «la bataille des champs», foi instaurado, em 1940, com o objectivo de combater a escassez de alimentos resultante da suspensão das importações. Durante este período, o campo foi claramente identificado como um espaço de abundância e de auxílio para os cidadãos, incapazes de suprir as suas necessidades alimentares.

A ideia de campo fértil e «progenitor» corresponde a uma visão fisiocrata da sociedade e da economia. Esta teoria económica, da qual François Quesnay foi um dos principais promotores, a partir de meados do século XVIII, baseia-se na noção de que a terra é o principal recurso económico, o que faz do campesinato

**"As categorias de cidade e de campo constituem um quadro de análise que é sempre eficaz e pertinente para perceber a territorialidade contemporânea."**

5. Jacques Lévy, «L'humanité habite le Covid-19», *AOC*, 25 de Março de 2020, <https://aoc.media/analyse/2020/03/25/lhumanite-habite-le-covid-19/>; Jean-Pierre Orfeuil, «Densité et mortalité du Covid-19: la recherche urbaine ne doit pas être dans le déni!», *Métropolitiques*, 19 de Outubro de 2020, <https://metropolitiques.eu/Densite-et-mortalite-du-Covid-19-la-recherche-urbaine-ne-doit-pas-etre-dans-le.html>.

6. A estatística que indica três dias como período de autonomia alimentar da cidade de Paris é conhecida: <https://ile-de-france.ademe.fr/expertises/alimentation-durable>.

3. Thierry Paquot, *Mesure et démesure des villes*, Paris: CNRS Éditions, 2020.

4. Guillaume Faburel, *Pour en finir avec les grandes villes: Manifeste pour une société écologique post-urbaine*, Paris: Le Passager Clandestin, 2020; e *Les Métropoles barbares: Démondialiser la ville, désurbaniser la terre*, Paris: Le Passager Clandestin, 2019.

**"A cidade insalubre é uma ideia remanescente da fobia da cidade. Rousseau, originário de Genebra, fustigava o carácter nocivo das grandes cidades – a começar por Paris."**

a classe verdadeiramente produtora, em oposição às outras classes que apenas transformam a matéria já criada. Em resumo, a cidade consome, ao passo que o campo produz. A cidade fomenta as classes não produtivas, estéreis.

O «APELO DO CAMPO»

Quando a perspectiva de confinamento foi anunciada, muitos cidadãos — aqueles que tinham essa possibilidade — refugiaram-se nas suas casas de campo, antes das regras do confinamento inviabilizarem tal migração. A generalização do teletrabalho para algumas categorias profissionais tornou compatível essa migração com a continuidade das actividades profissionais. Para muitos outros (caixas de supermercado, por exemplo), revelou-se impossível.

Esta fuga da cidade foi parcialmente temporária, se nos referirmos a residências secundárias, mas ela implicou, igualmente, projectos de vida a longo prazo. No seguimento do primeiro confinamento, na Primavera de 2020, e, mais tarde, da instalação da crise sanitária, a procura na compra de habitações unifamiliares no campo aumentou enormemente.<sup>7</sup> Na região do Jura, as casas situadas em zonas isoladas, e que até ao momento não tinham encontrado compradores, foram adquiridas durante este período. A covid-19 parece ter estimulado o apelo do campo por parte dos cidadãos.

Este apelo da Natureza e do campo está associado às condições insatisfatórias das habitações na cidade, condições que a covid-19 terá tornado ainda mais evidentes. As famílias com crianças tiveram de coabitar em espaços muitas vezes exíguos; os casais tiveram de conviver dias inteiros, sem a interrupção que as actividades quotidianas, habitualmente fora do espaço da casa, permitem.

A fuga da cidade e o apelo do campo parecem ter sido os principais motores da mobilidade residencial durante a pandemia.

Este apelo do campo não é novo, particularmente na Suíça. Emilienne Farny, na sua série *Le Bonheur Suisse* (1972–1989), ridiculariza a materialização desse apelo, através de pinturas de moradias unifamiliares, muitas vezes escondidas atrás de cedros.

Esta fuga das cidades demonstra, por fim, as consequências concretas da «cidade mal-amada» e da oposição cidade–campo.

Augustin Berque<sup>8</sup> sublinhou o paradoxo trágico da urbanização contemporânea. A urbanização da Suíça, bem como a de outros países do mundo, é uma consequência deste apelo do campo. A fuga da cidade provoca a expansão



João Hogan, *Sem título*, 1985

7. Foram registados, na plataforma Immoscout, quase 25 milhões de pedidos apenas no mês de junho de 2020, o que representa um aumento de 60% em relação ao ano de 2019.

8. Augustin Berque, Philippe Bonnin e Cynthia Ghorra-Gobin, *La Ville insoutenable*, Paris: Belin, 2006.

João Hogan, *Sem título*, 1988

urbana. O autor qualifica esta extensão periurbana como «cidade-campo»: «é necessário notar que, neste fenómeno, a cidade é pensada em moldes de vida do campo». A «cidade-campo» é «uma dinâmica urbana, mas na qual se procura uma forma de habitat rural, com espaço circundante e próximo da natureza». O paradoxo é trágico, uma vez que esta fuga da cidade e este apelo do campo contribuem para um desenvolvimento insustentável do território.

O episódio covid-19 demonstrou quão actual é o poder de atracção do campo para os cidadãos, mesmo se vários outros motivos contribuem para a migração rumo a espaços longe das cidades, a começar pela maior facilidade de compra.

#### UMA CIDADE CADA VEZ MAIS AGRÁRIA

Nas varandas, nos telhados, nos pátios dos prédios e nos espaços públicos vimos crescer, durante o período da covid-19, a cultura de produtos hortícolas. Juntamente com os cabeleireiros e as lojas de bricolage, as lojas de jardinagem foram das primeiras a começar a abrir portas, em Abril de 2020, e foram tomadas de assalto por uma população sedenta de actividades ligadas à jardinagem. Os jornais fizeram frequentemente referência a um «apelo telúrico», susceptível de voltar a conectar os cidadãos à Natureza.

As práticas de jardinagem associadas à agricultura urbana não são um fenómeno recente. As hortas comunitárias existem desde o início do século xx e os jardins colectivos desenvolveram-se, na Suíça, a partir da década de 90. Todavia, estas práticas de jardinagem urbana intensificaram-se nas últimas décadas e tornaram-se cada vez mais visíveis. A oposição cidade-campo é, de novo, problematizada por estas práticas agrícolas. A «transformação agrária» das cidades designa um processo de reconquista agrícola e, conseqüentemente, rural da cidade.

Nos meios de comunicação, em particular, esta «transformação agrária» das cidades é apresentada, em muitos aspectos, como uma reconciliação da oposição cidade-campo. A cidade não é mais vista como um meio mineral e hostil, em oposição ao campo fértil, mas como um espaço que pode, igualmente, produzir frutas e legumes, a partir de um solo que foi reencontrado. A ideia da cidade fértil emerge como uma cidade atravessada e (re)encantada pelo campo.

Esta «transformação agrária» da cidade esteve muito mais presente nos discursos do que o seu processo inverso, o de urbanização da agricultura. As cidades, ao mesmo tempo que se tornam mais agrárias, continuam, por outro lado, a penetrar no espaço rural. A urbanização da agricultura designa, assim, o processo pelo qual o espaço urbano conquista o espaço agrícola, ao ponto, muitas vezes, de fazê-lo desaparecer.

## CONCLUSÃO

As categorias de cidade e de campo, apesar de se revelarem problemáticas, resistem à sua dissolução na categoria única e geral de «urbano». A crise social e sanitária, instalada com a covid-19, foi particularmente propícia à recorrência de um imaginário anti-urbano e pró-rural, imaginário que esteve, aliás, sempre latente. A fuga das famílias para longe das cidades, com o intuito de se refugiarem no campo, constitui um exemplo significativo. No entanto, a «transformação agrária» da cidade, ilustrada pelo ressurgimento das actividades ligadas à jardinagem e à horticultura, permite demonstrar que a cidade e o campo não são apenas categorias que se opõem, podendo, igualmente, estar associadas e contribuir para a construção de um imaginário da «cidade aprazível». A cidade, contrariamente à ideia de espaço estéril, foi também elogiada pela sua fertilidade surpreendente.

Da mesma forma, a categoria negativa da aglomeração não deve dissimular o desenvolvimento de uma outra, mais positiva, que foi a da cidade solidária. A densidade urbana apareceu, igualmente, como um recurso para o desenvolvimento de um imaginário do *care* urbano. Toda a gente se recorda dos aplausos nas varandas em homenagem aos profissionais de saúde. Estes aplausos foram mais significativos nas cidades, pois foram em maior número e mais visíveis. A solidariedade das cidades em relação às pessoas mais carenciadas manifestou-se na distribuição de alimentos e na organização do transporte de compras ao domicílio. Vários concertos e outras manifestações artísticas foram também organizados nos bairros. Pessoalmente, vivi de forma muito intensa esta organização do *care* urbano em Genebra: o meu filho começou a fazer as compras para as pessoas mais idosas, e vários concertos aconteceram na minha rua, todas as semanas. As varandas passaram a ser lugares de sociabilidade, permitindo o contacto visual entre pessoas que habitualmente se evitavam e também a partilha de música.

A associação da cidade a categorias cujo sentido é antagónico — uma cidade que é, simultaneamente, excessiva e solidária, estéril e fértil — aparece aqui para nos lembrar que as categorias de cidade e de campo, embora mantendo a sua pertinência na análise dos fenómenos socioespaciais, não devem ser reificadas nem reduzidas a uma essência: os valores e as representações a que estão associadas são flutuantes, complexos e, muitas vezes, paradoxais. Consoante as situações e os contextos, a cidade é tão condenada quanto elogiada. O campo é tão desejado quanto depreciado.